

## Uma jovem mulher na Romênia 1989: a esperança e a liberdade graças à UE

Em dezembro de 1989, uma jovem mulher está sentada em um teatro de Bucareste, assistindo a uma apresentação lotada de Hamlet. O ar está carregado de perigo. "Há algo de podre no reino da Dinamarca", Marcellus está prestes a dizer. Quase 35 anos depois, essa mulher, minha mãe, ainda se lembra de como a atmosfera dentro do teatro era elétrica.

Todos sabiam exatamente o que as palavras significavam, mas ninguém balbuciou uma palavra. Era conhecimento comum que agentes da polícia secreta estavam vigiando. Qualquer sinal de apoio às palavras de Marcellus garantia prisão. Nesse dia de dezembro, minha mãe não poderia imaginar que, semanas, a ditadura de Ceausescu estaria acabada. Que sempre haveria comida no frigorífico, liberdade de expressão, liberdade de escolha sobre nossos corpos, agência. Que o apoio a uma linha de Shakespeare não significaria prisão. Que nós seríamos livres. Que eu estaria sentado aqui, escrevendo isso, para você.

Em dezembro de 1990, minha mãe, nossas cinco malas, meu pote rosa e eu chegamos Luxemburgo: no coração de um dos estados membros fundadores da UE. Éramos parte da primeira onda de migrantes do leste europeu, irrompendo de casacos comunistas, cheios de esperança para o futuro. Cheios de ambição para o futuro. Cheios de futuro.

Tive sorte. Penso nas gerações de mulheres que me precederam: minha bisavó, órfã durante a primeira guerra mundial, cuja fazenda foi expropriada pelos comunistas depois da segunda guerra mundial, e que morreu nunca tendo saboreado a liberdade.

Minha avó, negada à entrada na universidade com base nos pais sendo "inimigos do povo", passou a juventude e a idade adulta sob um regime totalitário e era uma idosa quando caiu. Sua geração foi forçada a aprender russo. E ela fez, se recusando a aprender o significado das palavras, memorizando marchas militares inteiras foneticamente. Em seus últimos anos, ela ainda podia recitá-las e nós todos cantávamos junto russo-gibberish. Um dedo do meio ridículo, mas deliciosamente vazio no passado. Minha mãe, ainda uma jovem mulher quando tudo desabou. E então eu. Um bebê.

Em dezembro de 2008, sou uma estudante de arte dramática na Drama Centre London, fazendo uma cena de Hamlet. Ni meu avó, nem minha avó nem minha mãe jamais pensariam que eu seria capaz de cruzar todas essas fronteiras – sem guardas, sem arame farpado – para treinar no Reino Unido. Não era um dado. Durante a conferência de Moscou 1944, Churchill e Stalin dividiram a Europa e a Romênia caiu para os soviéticos. Depois da segunda guerra mundial, muitos romenos, incluindo minha família, ainda estavam orando para o exército dos EUA libertá-los dos soviéticos. Um sonho pipa. E, décadas depois, aqui estava eu. De Bucareste a Luxemburgo a Londres.

Com as eleições da UE andamento, não posso deixar de pensar no crescente sentimento antieuropeu. Não estou descartando a crítica à UE, mas algo se sente errado. Enquanto nós, aqui na Europa Ocidental, temos a liberdade de debater a validade da UE, outros correm risco de vida por uma chance de fazer parte dela. Eles sabem muito bem o que significa viver na chamada esfera de influência da Rússia.

À medida que a Rússia empacotava tropas na fronteira com a Ucrânia, preparando a invasão grande escala, políticos da Polônia e dos estados bálticos alertavam os colegas ocidentais. Suas preocupações foram descartadas. O político luxemburguês Charles Goerens admitiu posteriormente francamente: "Na época, pensamos que eles eram paranóicos, mas não é o caso. Eles analisaram a situação corretamente e acho que nós, coletivamente, falhamos."

Em 9 de junho, enquanto o Luxemburgo vota, eu estarei pensando nos que lutam na Ucrânia, nos que protestam na Geórgia, se colocando na linha para um dia ter o que agora frequentemente parecemos dar por garantido. Estarei pensando nos milhões atrás da cortina de ferro que nunca experimentaram a liberdade, e todos os que conhecem sua fragilidade tão intimamente. Estarei pensando 1945, quando a Europa Oriental caiu para os soviéticos ao som da silêncio dos outros Aliados. Quando os soviéticos entraram na Romênia, a avó de minha avó conseguiu combater um dos soldados que havia invadido sua casa. Outros, que não tiveram sorte, enfrentaram o pior. Um crime comum, impune até hoje. Os soviéticos eram, após todo, Aliados. Eles vieram libertar os locais. Às vezes, tenho medo de que estejamos presos um loop. O esquecimento das crimes contra a humanidade perpetrados no bloco leste sempre tem sido particularmente cruel e, argumentaria, inútil na promoção de uma verdadeira compreensão entre leste e oeste. Quando eu tinha 17 anos, fui uma viagem escolar para Berlim. Lembro-me da incredulidade ver vendedores de rua todos os cantos vendendo lembranças da era soviética. Broches e chapéus de pele com o martelo e a foice, bandeiras e numerosos outros pequenos artigos para clientes felizes usar ou dar a outros. Relíquias inofensivas do passado. Na década de 90, havia uma moda de camisetas marcadas com CCCP, apenas uma década depois das atrocidades cometidas por esse regime. Hoje, você pode comprar um livro de receitas intitulado L'Archipel du Goulache, recentemente apresentado na rádio nacional francesa, cujo título é um trocadilho com outra lembrança do passado, O Arquipélago de Solzhenitsyn Gulag. Que irônico, considerando as fomes no bloco leste.

Nos dias atuais, parece-me que esquecemos o significado das palavras. "Ditadura" é jogado por aí um bocado. Temos esquecido o significado da democracia e o que foi necessário para chegarmos aqui? Eu me pergunto se estamos alcançando a prateleira superior, porque esquecemos que a democracia não significa que nós cada um obtemos nossa maneira todo o tempo e que as liberdades que estamos atualmente desfrutando precisam de manutenção de trabalho contínuo. Em 9 de junho, eu estarei pensando uma Europa familiarizada com o seu passado, oferecendo um futuro visionário. Por isso, este sonhador europeu lembrará do frigorífico vazio ao votar, o sabor da liberdade e a jornada incrível que a minha pote rosa fez dezembro de 1990. O resto, espero, não será silêncio.

cena de abertura do popular drama F / X A última temporada da Urso começa com a chef problemática Carmen "CarMy" Berzatto olhando para uma cicatriz profunda na mão. Ele vagamente explica sua origem à namorada médica, Claire; o ferimento agora curado parece nada muito importante pra ele ". Sintonizado ao que CarMY deixa sem dizer ela pergunta se os ferimentos machucam tanto e não consegue sentir isso no momento!

Essa dor tardia se aplica às outras feridas de CarMy: os danos à saúde mental sofridos uma cozinha abusiva e um educação dura. Mas agora ele está passando seu trauma para sua própria equipe do restaurante enquanto empurra-os rumo aos seus pontos fracos

O simbolismo da cicatriz de CarMy não se limita ao seu passado caótico. É um exemplo direto do bem-estar dos trabalhadores restaurantes e hospitalidade, porque seja você uma máquina loiça ou chef pasteleira (pastéis) o cozinheiro preparador é a sua natureza fisicamente exigente que tem como verdade universal este trabalho:

---

### Informações do documento:

Autor: [jandlglass.org](http://jandlglass.org)

Assunto: estrela bet 77

Palavras-chave: **estrela bet 77 - [jandlglass.org](http://jandlglass.org)**

Data de lançamento de: 2024-11-29